

Joias do Maracanã: tingimento natural de sementes

Gisele Reis Correa Saraiva;
Tayomara Santos dos Santos

resumo:

O artesanato brasileiro é rico e variado, e essa diversidade se deve, em parte, à grande variedade da matéria-prima encontrada na fauna e na flora de cada região. Dentre essa variedade estão as sementes de diversas espécies que ao passar nas mãos de artesãos e artesãs, tornam-se peças de beleza singulares, conhecidas como biojoias. A região Norte é um grande produtor desse tipo de artesanato devido as sementes utilizadas serem extraídas da Floresta Amazônica. Porém, o Maranhão, embora não seja geograficamente localizado nessa região, tem parte do seu território formado por essa vegetação o que proporciona diversos tipos de sementes, em especial a juçara que é conhecida nos demais estados brasileiros como açaí, muito utilizada nesse tipo de artesanato.

É bastante comum ver em pontos turísticos de São Luís, o artesanato com sementes de juçara, já beneficiadas (polidas, furadas e tingidas). O beneficiamento realizado nas sementes não é feito no Maranhão, elas chegam de outros Estados da região amazônica e são vendidas por fornecedores para os artesãos. O trabalho dentro Estado se restringe a confecção das biojóias (CORREA, 2010). Na cidade de São Luís, capital do Maranhão, o bairro do Maracanã possui o maior juçaral (plantação de juçara) da Ilha e no período de safra toneladas de polpa da fruta são extraídas e vendidas, no entanto, as sementes são descartadas sendo que poderiam ser usadas para outros fins, inclusive o artesanato.

Diante desse problema, o Núcleo de Inovação, Design e Antropologia (NIDA), do curso de Design da Universidade Federal do Maranhão, procurou por meio do projeto de extensão “ARTESANATO NO MARACANÃ: utilização da semente de juçara na produção artesanal”, utilizar a semente de juçara em produções artesanais, tendo o design como mediador do processo.

O trabalho “Joias do Maracanã: tingimento natural de sementes” é parte desse projeto, onde trata-se em especial, do tingimento natural feito nas sementes de juçara. Como metodologia de pesquisa utilizou-se o design etnográfico (NORONHA, 2012). Para fundamentação teórica traz-se considerações sobre a semente de juçara e o Maracanã, tingimento natural, o projeto Artesanato no Maracanã e a execução da etapa de tingimento, resultando em sementes diferenciadas das encontradas no mercado local, demonstradas através de peças confeccionadas por meio do projeto.

palavras-chave: Design; Artesanato, Sementes de Juçara; Tingimento Natural.

1. Introdução

As cores estão relacionadas com o dia a dia das pessoas e tem um grande poder de influenciar nas escolhas diárias, como a compra de uma roupa, a tinta para um quarto, a aquisição de carro e muitos outros fatores que as tornam importantes na tomada de decisão do consumidor durante a compra.

Para o reconhecimento do Brasil, as cores foram muito importantes, identificando-o como um local de especiarias, devido principalmente ao pau Brasil, que chamou atenção por apresentar seu tronco uma cor avermelhada, que descascada e mergulhada em água produzia um pigmento natural de cor vermelha. (BLAINEY, 2004)

A exemplo do pau Brasil, os corantes naturais têm sido utilizados há anos. Pezzolo (2007), afirma que desde 2600 A.C no Egito, já era registrado o uso de tinturas e cores nos tecidos e utensílios. Porém com o passar dos anos e o avanço da industrialização, os corantes naturais passaram a ser substituídos pelos corantes artificiais ganhando espaço na coloração das roupas, acessórios e muito outros bens, e uma das suas vantagens é a infinidade de tons que pode proporcionar. No entanto, são produtos poluidores do meio ambiente carregados de produtos químicos que são descartados diariamente.

No mundo atual em que a sustentabilidade é um assunto muito discutido, a preocupação com esses tipos de produto aumenta a cada dia e busca por produtos ecologicamente corretos passam a ter uma aceitação maior por parte do consumidor.

Com essa outra consciência, os corantes naturais, postos de lado por um tempo, voltam a ser mais valorizados e passam a tornar um produto mais atrativo, pois além de serem provenientes da flora e fauna, são atóxicos e biodegradáveis.

Os corantes naturais permitem que o consumidor identifique um produto e o diferencie de outros, além de serem capazes de restaurar, uniformizar, intensificar, preservar a identidade e, inclusive, indicar a qualidade do produto. (CORANTEC, 2016, p.)

Diante do exposto, o presente trabalho, por meio do projeto de extensão “Artesanato no Maracanã: utilização da semente de juçara na produção artesanal” expõe o processo de tingimento natural realizado nas sementes de juçara para a produção de biojoias, utilizando matéria-prima regional. A escolha pelo tingimento natural, além de ser um material biodegradável, foi escolhido porque, sendo o Maracanã, um bairro rural, com uma vasta vegetação, dispõe de matéria prima suficiente para esse tipo de aplicação, diminuindo dessa forma o custo na produção das peças, e principalmente valorizando o produto local, mantendo sua identidade e carregando a sua história.

2. Juçara, a joia do Maracanã

O Maracanã é um bairro rural da Ilha de São Luís, capital do Maranhão, localizado nas proximidades da BR 135. Conhecido pela valorização dos seus aspectos tradicionais tem no folclore uma forma de manter viva a cultura local por meio de manifestações que o identificam culturalmente dentro do Estado, como a Festa da Juçara e o bumba-meу-boi, que leva o seu nome.

A festa da juçara é uma manifestação cultural do calendário maranhense que ocorre desde o ano de 1970, no mês de outubro, período de safra do fruto. Foi idealizada e realizada pela agrônoma Rosa Mochel Martins moradora da comunidade e na época Secretaria de Educação e Ação comunitária de São Luís, que percebendo a potencialidade do Maracanã na produção e venda de juçara, resolveu com alguns moradores realizar a festa (CORREA, 2010). Após mais de quarenta anos, a festa além de ser um símbolo da cultura local, promove o envolvimento de toda a comunidade, valorizando a mão-de-obra local, gerando emprego temporário e complementando a renda familiar.

Nesse período, o Maracanã recebe pessoas de todos os bairros da capital maranhense que chegam para degustar a polpa da juçara, que pode ser servido sozinho, ou acompanhado de farinha e açúcar e também camarão seco. A juçara é vendida no Maracanã não apenas no período da Festa, mas diariamente, por meio de pontos de venda específicos, onde o fruto é processado e consumido ou vendido em sacos plásticos.

Dessa palmeira pode ser aproveitado desde as raízes aos frutos. Da polpa se obtêm também sorvetes, doces, licores. As folhas são utilizadas para fabricação de cestas e tapetes. Os troncos são

usados para construção. O cacho depois de debulhado¹ torna-se vassoura e a raiz proteção do solo contra erosão. (CORREA, 2010)



Figura 01 – (a) Palmeira da Juçara (b) Parque da Juçara (c) Juçara *in natura* (d) Cachos de juçara depois de debulhados (e) arranjo com flores de fibra de juçara e anajá (f) Vinho de juçara saindo da maquina

Fonte: Produção das autoras, 2017.

2.1 Juçara ou Açaí

Segundo Oliveira (2003) O açaizeiro é uma palmeira nativa da reunião amazônica, cujo nome científico é *Euterpe Oleracea Mart*, cultivado em áreas úmidas, em vários tipos de solo, desde terra firme a várzea com inundações periódicas e produz o fruto de cor roxa de onde se extrai uma polpa muito apreciada pela população, que ficou popularmente conhecida em todo território nacional como açaí e para diferenciar das outras espécies de açaí, é intitulado também de açaí-roxo na região amazônica. Esta palmeira, dentro do território nacional distribui-se nos estados do Pará, Amapá, Maranhão e Amazonas.

Porém, o Maranhão, dos quatro estados, é o único que possui uma denominação diferente, o fruto é conhecido popularmente como juçara, mesmo nome popular da espécie encontrada na Mata Atlântica, porém a juçara existente na Mata Atlântica pertence à outra espécie cujo nome científico é a *Euterpe Edulis Mart*. (CORREA, 2010)

2.2 Semente de juçara para o artesanato

A região amazônica é a região que mais fornece sementes ornamentais para produção artesanal, e entre as mais utilizadas e comercializadas está o açaí, principalmente a espécie *Euterpe spp* (Fig. 02-a), encontrada em abundância no estado do Acre e conhecida popularmente como Açaí-branco ou Açaí-tinga (EMBRAPA, 2013), devido à coloração branca, por essa razão, quando tingida, recebe pigmentação mais facilmente, tornando-se uma das sementes mais comercializadas para o artesanato.

A semente da espécie *Euterpe Oleracea Mart*, encontradas nos juçarais da comunidade do Maracanã é “rajada” e possuem coloração natural que varia do branco a um leve tom de marrom, (Fig.02-b), a semente tem formato quase esférico, com medidas que variam entre 6 a 10 mm de diâmetro e poro germinativo marcante.



Figura 02 - (a) Semente *Euterpe spp*. – Açaí branco;
(b) Semente *Euterpe Oleracea Mart*, – Juçara do Maracanã.

Fonte: Produção das autoras, 2017.

¹ Debulhar: Termo usado para se referir a retirada do caroço de juçara do cacho.

Assim como no Maranhão, as sementes de açaí provenientes dos estados do Pará, Amapá e Amazônia também são rajadas, porém, um fator importante às difere das sementes usadas para este estudo, o fator tingimento. As sementes ornamentais que chegam não só do Pará e do Acre, mas de outros locais às mãos do artesão maranhense, são tingidas com corantes da indústria têxtil.

Certos tipos de sementes, como o açaí e a jarina são também vendidos tingidos para a montagem de biojoias. O tingimento das sementes é comumente feito da mesma forma que o tingimento de tecidos, inclusive com os mesmos corantes. Neste processo as sementes são mergulhadas por cerca de 30 minutos em uma solução com corante e água fervente.

Corantes industriais normalmente necessitam de descarte adequado, onde as empresas maiores apresentam os requisitos necessários para trabalho, porém o pequeno artesão muitas vezes não tem conhecimento da sua necessidade, apesar de ter o acesso fácil ao corante. (BENATTI, 2012, p. 256).

Ao optar pelo tingimento com produtos sintéticos, questões como responsabilidades socioambientais e alternativas ecoeficientes deixam de serem vistas como importantes nesta atividade, logo, para sementes coletadas e beneficiadas da região do Maracanã, optou-se tratá-las com tingimento natural, com corantes extraídos até mesmo na própria flora da região e sem uso de aditivos.

3. Tintas Naturais

De acordo com Ferreira e Gomes (2005), os corantes naturais são encontrados principalmente nas plantas (folhas, frutos, flores, sementes, líquens², cascas e raízes) e recomenda que seja feito a seleção destas fontes de cor, de maneira consciente, recolhendo apenas uma parte de cada planta de um mesmo local, evitando que ela se esgote e permitindo que outros também possam colhê-la.

Esses corantes são encontrados facilmente em nossas casas sobre a mesa da cozinha como frutas e verduras, na terra dos quintais e em pequenas hortas de temperos e ervas medicinais que costumamos cultivar. Ao colher plantas para a preparação de corantes é importante colher sementes para plantar para que mais plantas cresçam.

Há uma variedade de plantas que podem ser usadas para se produzir corantes e pigmentos vegetais, mas é importante observar quais são as plantas típicas do espaço geográfico em que se está, pois cada área ou localidade terá as suas próprias plantas que podem ser usadas para se preparar os corantes. É importante experimentar e testar plantas diferentes, partes diferentes delas como as folhas, a casca de frutas, sua casca, as raízes ou a madeira. (MALCON; HARDINGHAN, 2016).

3.1 Cor: Corantes e pigmentos

Os pigmentos vegetais ou corantes são extraídos dos *Carotenoides* e as *Clorofilas* ganham maior destaque, pois possuem as cores mais buscadas. (GRUPO ARTE RAIZ, 2003).

Os Carotenoides são corantes responsáveis pela coloração amarela, vermelha e alaranjada das folhas, flores e frutas, caules e raízes, enquanto a clorofila, é que confere a cor verde às plantas.

O Pigmento Natural é obtido diretamente da natureza, sujeito apenas a processos de purificação que permitem separar o material de que se aproveita a cor, dos outros materiais a que esteja associado, as cores são compostas por elementos extraídos do reino animal, vegetal e mineral, fontes inesgotáveis de pigmentos orgânicos e inorgânicos. (GRUPO ARTE RAIZ, 2003).

A Clorofila constitui a classe de pigmentos ou corantes mais largamente distribuída na natureza, em folhas e outras partes verdes de quase todas as plantas. Ainda na infância, aprendemos que a clorofila é essencial para a fotossíntese, processo pelo qual a energia da luz é utilizada pelas plantas na síntese de carboidratos.

² Líquens são plantas pequenas que crescem em rochas. Há muitas cores de líquens e eles são muito bons para se preparar corantes. Fonte: MALCON e HARDINGHAN, 2016.

3.2 Formas de obtenção das tintas naturais

Segundo o Grupo Arte Raiz (2003) a tinta natural é obtida por meio da mistura de um corante a um aglutinante. O corante ou pigmento é o que confere cor à tinta, e aglutinante é o que une as partículas fazendo a tinta possa aderir à superfície como óleo, goma, ovo, etc. Ferreira e Gomes (2005), usa o termo Mordente para referenciar materiais aglutinantes.

Costa e Cruz (2015) afirmam que os mordentes são importantes na indústria de tinturaria uma vez que quando o corante é aplicado diretamente na fibra, muitas vezes não tem a fixação esperada, portanto, usa-se o mordente para maior fixação. Entretanto, Ferreira e Gomes (2005) ressalta que a utilização ou não do mordente depende do substrato a ser tingido. Logo, para os testes realizados neste estudo, não houve a necessidade de uso de nenhum mordente.

O Grupo Arte Raiz (2003) do Curso Regulamentar de Artes Plásticas, da Escola Municipal de Música, Artes Plásticas e Cênicas “Maestro Fêgo Camargo” de Taubaté, São Paulo, apresenta a seguinte classificação das técnicas usadas para obtenção de tintas naturais: Para obtenção de pigmentos líquidos usam-se os processos de cocção, maceração, infusão, fricção e liquidificação, e para obtenção de pigmentos em pó usam-se as técnicas trituração, calcinação, decantação, lixação e imersão, como mostram as tabelas abaixo:

Quadro 01-Técnicas para obtenção de pigmento líquido.

PARA OBTENÇÃO DE PIGMENTO LÍQUIDO			
TÉCNICA	PROCEDIMENTO	DURAÇÃO	MATERIAL
COCÇÃO	Cozinhar a matéria-prima	até que a água adquira sua cor	Beterraba, eva-mate, café, cascas, etc.
MACERAÇÃO	deixar a matéria-prima de molho na água fria	em média 12 horas	café, eva-mate, feijão preto - com aglutinante ou não
INFUSÃO	os elementos são picados e deixados em infusão no álcool	até atingirem o seu ponto máximo de cor (minutos, dias, semanas)	Pétalas de diversas flores, folhas, raízes, semente de urucum, lascas de madeira, repolho roxo, beterraba, etc.
FRICÇÃO	friccionar a matéria-prima diretamente sobre a superfície a ser tingida	até que a superfície adquira sua cor	plantas que contém uma quantidade razoável de água, como flores e folhagens.
LIQUIDIFICAÇÃO	bater no liquidificador com água o material para extração do pigmento desejado	até que a água adquira sua cor	espinafre, rúcula, salsinha), beterraba, repolho roxo, pétalas de flores, etc. Usar puro ou com aglutinante.

Fonte: Adaptado de Arte Raiz, 2003.
“Quadro 02-Técnicas para obtenção de pigmento em pó”

PARA OBTENÇÃO DE PIGMENTO EM PÓ			
TÉCNICA	PROCEDIMENTO	DURAÇÃO	MATERIAL
TRITURAÇÃO	alguns minerais e sementes	até atingir a qualidade de pó	carvão, giz, cascas de ovos, tijolos, urucum, café entre outros
CALCINAÇÃO	queimados e triturados reduzidos a pó	até atingir a qualidade de pó	ossos, sementes, madeiras
DECANTAÇÃO	minerais triturados que devem passar pelo processo de peneiramento postos para decantar em água	Escoar-se a água, utiliza-se a lama de cima e descarta-se a de baixo	itens a cima
LIXAÇÃO	após quando lixadas, são transformadas em pó fino	até que a superfície adquira sua cor	madeiras como cedro, pêssego, canjerana, louro e outras
IMERÇÃO	colocar pó dentro de uma trouxinha de tecido e submergi-la em movimentos contínuos por várias vezes na água em 5 recipientes	os pôs ficam depositados no fundo dos recipientes, então, basta escorrer lentamente a água que estarão prontos para o uso	itens a cima

Fonte: Adaptado de Arte Raiz, 2003.

4. O Projeto Artesanato no Maracanã

O projeto Artesanato no Maracanã é um projeto de extensão do curso de Design, da Universidade Federal do Maranhão, realizado pelo Núcleo de Inovação, Design e Antropologia (NIDA) e surgiu após uma pesquisa realizada no bairro do Maracanã entre os anos de 2009 e 2010, com objetivo de analisar as potencialidades de utilização da semente de juçara em produções artesanais com vista à sustentabilidade ambiental, social e econômica da região. Por fim, constatou-se que as sementes eram descartadas após processamento da polpa, por todo período de safra, tanto nos processamentos diários dos estabelecimentos de venda como na festa da Juçara, causando desperdício de uma matéria prima que pode ser utilizada, para vários fins, e no caso da pesquisa, na confecção de produtos artesanais. Como resultado da pesquisa, contribuiu-se com recomendações para efetivação do artesanato em parceria como a comunidade do Maracanã e com a Associação de amigos da Festa da Juçara. (CORREA, 2010).

Diante do proposto, o projeto Artesanato no Maracanã, visa promover oficinas direcionadas à utilização da semente de juçara em produções artesanais, conduzindo as etapas do processo de beneficiamento da semente e desenvolvendo peças a partir da valorização do saber popular.

O design etnográfico é metodologia utilizada incorporando à pesquisa de design, os fundamentos da etnografia, conhecimento da antropologia e a etnografia aplicada ao design (NORONHA, 2012). O uso da etnografia como forma de pesquisa possibilitará nos colocarmos não como um agente centralizador, detentor do saber, mas de se posicionar como mediador entre as artesãs, em igual proporção e peso de decisão.



Figura 03 – Reunião do projeto Artesanato do Maracanã com artesãs locais.

Fonte: Produção das autoras, 2017.

5. Execução

Para execução do projeto, traçou-se nove etapas que serviram de direcionamento: coleta das sementes, lavagem, secagem, lixamento, furação, imunização, tingimento, criação e produção. O tingimento é sexta etapa do processo, sendo a última etapa do beneficiamento, pois após sua execução, a semente está pronta para produção das peças.



Figura 04 - Etapas de beneficiamento.

Fonte: Produção das autoras, 2017.

5.1 O tingimento

A etapa de tingimento inicia com a escolha da matéria-prima colorante. Para este trabalho utilizou-se pó de açafrão-da-terra, extrato de casca de Aroeira, extrato de casca de murici-do-mato, sementes de urucum e polpa de juçara.

O açafrão-da-terra (*cúrcuma – curcumina – Cúrcuma Longa*) é o corante cultivado em vários países tropicais, incluindo Índia, China, Paquistão, Peru e Haiti. O seu rizoma³ é comercializado desidratado, geralmente reduzido a pó fino, sendo muito empregado como condimento devido ao seu aroma característico (CORANTEC, 2016). Além de ser utilizada como corante e condimento, apresenta substâncias antioxidantes e antimicrobianas que lhe conferem a possibilidade de emprego nas áreas de cosméticos, têxtil, medicinal e de alimentos, apresenta cor amarelo-limão, em meio ácido, e laranja, em meio básico, sendo estável ao aquecimento.



Figura 5 - Rizomas de Curcuma – Açafrão-da-terra

Fonte: <http://marisaterapias.com.br/2015/06/09/curcuma-ou-acafrao-da-terra>.

A Aroeira (*Myracrodruon urundeuva*) é uma árvore que está presente em praticamente todas as regiões brasileiras no nordeste do país, desde o Ceará, oeste da Bahia, Minas Gerais e São Paulo, sul de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás até o Paraná, podendo alcançar até 30 m de altura (PORTAL S. FRANCISCO, 2012). Seu interior possui uma coloração que vai de um tom bege-rosado até um tom mais escuro voltado para um castanho-avermelhado. Além do termo Aroeira, também é conhecida como urundeúva, aroeira do sertão, aroeira do campo, aroeira da serra.



Figura 6- Aroeira.

Fonte: <http://www.celeiroprodutosnaturais.com.br/aoeira-em-casca-granel-100g>

O murici-do-mato (*Byrsonima crassifolia*) é uma planta presente em toda a América Latina, onde foram identificadas cerca de 130 espécies de muricis. O nome é de origem tupi-guarani e significa “árvore pequena”. (CERRATINGA, 2012). As espécies existentes no Brasil podem ser encontradas em áreas da Floresta Amazônica, estados do Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste, mais especificamente na Caatinga e o período de floração é logo após as chuvas.



Figura 7- Murici-do-mato

Fonte: <http://poderdasfrutas.com/fruta-murici/>

³ Rizoma: Caule da planta. FONTE: CARTILHA CORANTEC, 2016.

O urucum contém pigmento carotenoide⁴ obtido da semente do urucuzeiro, planta originária das Américas Central e do Sul. Do urucum são fabricados os corantes naturais mais difundidos na indústria de alimentos; aproximadamente 70% de todos os corantes naturais empregados e 50% de todos os ingredientes naturais que exercem essa função são derivados do urucum (CORANTEC, 2016). Os pigmentos do urucum são extraídos da camada externa das sementes.



Figura 8- Urucum.

Fonte: <https://arvoresdesaopaulo.wordpress.com/2010/07/19/urucum-nas-ruas-paulistanas/>

5.1.1 Técnica de Tingimento

Para Ferreira e Gomes (2005), são três as técnicas que possibilitam o tingimento com corantes naturais. A primeira técnica é o tingimento a frio (sem cozimento), a segunda é o tingimento a quente através do cozimento sem o uso de mordente, a terceira técnica funciona a quente com mordentes, ou seja, é necessária a aplicação de um tipo de mordente para garantir a fixação do produto à superfície.

Como técnica usada nos testes utilizou-se o tingimento a quente sem uso de mordentes, procedimento mais adequado devido à facilidade do corante impregnar na superfície da semente. Com o tingimento a frio, o corante fica superficial e solta com o manuseio.

De um modo geral, o processo é realizado misturando as sementes com o colorante em estado líquido e levado ao fogo, quando atingi o ponto de fervura cronometra-se 10 minutos, tempo suficiente para o corante impregnar na semente. Após esse tempo a mistura é retirada do fogo, posta para esfriar naturalmente, em seguida as sementes são lavadas, para retirar o excesso do composto e colocadas para secar a sombra por dois dias, como mostra a figura 9.



Figura 9 - Etapas do tingimento natural de sementes.

Fonte: Produção das autoras, 2017.

A tabela a seguir mostra o processo particular de cada matéria-prima utilizada, seguido das imagens das sementes tingidas.

“Quadro 3- Processo particular de cada matéria-prima”

PROCESSO DE TINGIMENTO NATURAL DE SEMENTES DE JUÇARA								
Matéria-prima	Elemento Tintórico	Processo para obtenção da tinta	Técnica de tingimento usada	Qnt. Semente	Qnt. Corante	Diluente	Cor Esperada	Cor Resultante
1 Rizoma de cúrcuma	Pó de açafrão-da-terra	Cocção	à quente sem mordente	250 g	500 ml	água	Amarelo	Amarelo-ocre
2 Aroeira	Casca	Maceração	à quente sem mordente	250 g	500 ml	água	Castanho-avermelhado	Castanho-avermelhado
3 Juçara (Açaí)	Polpa	Liquidificação	à quente sem mordente	250 g	500 ml	água	Roxo	Roxo
4 Murici-do-Mato	Casca/folhas	Cocção	à quente sem mordente	250 g	500 ml	água	vermelho	Castanho-Escuro
5 Urucum	sementes	Fricção	à quente sem mordente	250 g	500 ml	água	Amarelo-alaranjado	Amarelo-alaranjado

Fonte: Produção das autoras, 2017.

⁴ Carotenoides são corantes responsáveis pela coloração amarela, vermelha e alaranjada das plantas. (ARTE RAIZ, 2003)

Após a secagem das sementes tingidas, obtiveram-se os resultados de coloração de acordo com a matéria prima usada (figura 10).



Figura 10- Resultado sementes tingidas.

Fonte: Produção das autoras, 2017.

Ao final da etapa de tingimento, as sementes, seguem recebem polimento em lixas de nº600 e/ou 1200 ou em outros materiais como couro para obterem um acabamento brilhante e passam por mais uma etapa de imunização com aplicação de óleo natural, após dois dias estão prontas para utilização na confecção das biojoias.



Figura 10- Etapas pós-tingimento das sementes

Fonte: Produção das autoras, 2017.

6. Aplicações

As imagens a seguir ilustram peças elaboradas com as sementes de juçara do Maracanã, após todo o processo de beneficiamento, destacando o tingimento natural das peças. O nome dado às peças enaltece ícones do folclore, música e flora da comunidade do Maracanã.

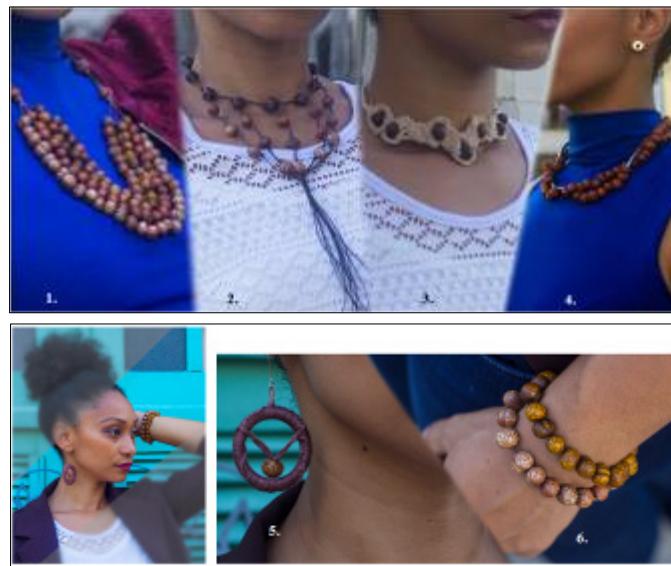


Figura 11- Peças elaboradas com sementes de juçara

Fonte: Produção das autoras, 2017.

Colar “Guriatã” (1) – Peça elaborada com sementes de juçara tingidas com semente de urucum, pó de açafrão-da-terra, extrato de casca de aroeira e sementes naturais (sem tingimento). Agrupadas em fio encerado marrom. A peça homenageia o “amo-cantador” de bumba-meu-boi, Humberto Maracanã “O Guriatã”⁵, ícone do folclore maranhense falecido em janeiro de 2015. Esteticamente faz referência ao gibão (peça sobre os ombros) bordado com missangas, usado pelo folclorista.



Figura 12- Referência para colar “Guriatã”.

Fonte: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/musica, morre-aos-74-anos-mestre-humberto-de-maracana>

Colar “Cacho” (2) - Peça elaborada com sementes tingidas com popa de juçara, extrato de aroeira, extrato de murici-do-mato, semente de urucum e semente natural, distribuídas em fio encerado marrom, presas em nó simples. Leva esse nome por fazer referência ao cacho onde se sustenta a fruta.



Figura 13- Referência para Colar “Cacho”.

Fonte: <http://asariasfavacho.blogspot.com.br>.

⁵ Pássaro de cores azul-metálico e mancha amarela, considerado um dos melhores imitadores da voz de até 16 espécies de aves diferentes. FONTE: WIKIAVES.

Gargantilha “Outubro Roxo” (3) - Peça elaborada com sementes tingidas com polpa de juçara distribuídas em nós de macramê em fio encerado de algodão. O nome faz referência à festa da juçara todo o mês de outubro.

Colar “Bailado” (4) - Peça elaborada com sementes tingidas com extrato de aroeira, distribuídas em fio encerado, com aplicações de canudos de metal. O movimento realizado pelos brincantes do bumba-meu-boi deu origem ao nome desta peça. Os canudos de metal remetem a ideia de brilho, provocado pelas missangas nas roupas dos brincantes durante o movimento da dança.



Figura 14- Referência para colar “Bailado”.

Fonte:

<https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=&url=https%3A%2F%2Ffestasnobrasil.catracalivre.com.br%2Fas-festas%2Fnacional>

Brinco “Divino” (5) - Peça elaborada com sementes de juçara não tingidas, aplicadas em fio encerado em nós de macramê. O nome desta peça faz menção a Mandala do Divino Espírito Santo. Os nós envoltos nas argolas remetem aos nós usados para afinar os tambores (caixas) tocados pelas “caixeiras”⁶ e as asas do divino. A festa do divino também faz parte do calendário das festividades do Maracanã.



Figura 15- Referência para brinco “Divino”

Fonte: <http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2013/07/bandeira-do-divino-percorre-casas-de-catolicos-margem-do-rio-piracicaba.html>

Pulseira “Nativa” (6) - Peça simples aplicada sobre fio encerado, sementes tingidas com açafrão-da-terra e sementes naturais (sem tingimento). O nome da peça faz referência a semente típica da região e a sua superfície rajada.

Considerações Finais

Como considerações finais do presente trabalho, cabe a devida reflexão de alguns pontos do mesmo como forma de ressaltar as contribuições da temática para o assunto sustentabilidade, através do uso adequado de matérias primas importantes que seriam descartadas e pouco aproveitadas principiante na atividade artesanal.

Pode-se observar que a região do Maracanã em toda sua extensão geográfica, considerada um polo produtor de juçara, é riquíssima em matéria prima, no entanto, não soubera dar o devido

⁶ São como as mulheres que tocam os tambores na Festa do Divino Espírito Santo são conhecidas.

tratamento à joia encontrada em seus vastos juçarais, mediante ao descarte das sementes após a extração da polpa do fruto.

Com a abordagem do design etnográfico, pode-se perceber quão o papel do design na produção do artesanato local é propositiva, pois através dela identificam-se as reais necessidades da comunidade a fim de encontrar soluções que alinhem o fator gerar renda em paralelo ao reconhecimento de sua identidade por meio da atividade artesanal.

Através do projeto Artesanato no Maracanã constatou-se que as sementes descartadas poderiam ser utilizadas para vários fins, e no caso da pesquisa, na confecção de produtos artesanais como biojóias. Para tanto se fez necessário orientar e instruir os artesãos locais para as técnicas de beneficiamento destas sementes em especial dos processos de tingimento destas.

A etapa de tingimento das sementes é considerada a mais danosa do beneficiamento, pois na maioria dos estados produtores de sementes ornamentais tinge-se com corantes artificiais para garantir a cor. No entanto, para este trabalho, optou-se por um tratamento com corantes naturais extraídos da região agregando-os a técnicas simples, de fácil manuseio e de baixo custo.

Outro ponto importante a citar é que a atividade artesanal não se restringe apenas à tradição ou à distribuição comercial, mas também ao mundo das relações socioambientais, de produção e cultura pautadas à valores essenciais como identidade, responsabilidade social e equilíbrio sustentável.

Jewels of Maracanã: natural seed dyeing

Abstract:

Brazilian craftsmanship is rich and varied, and this diversity is due, in part, to the great variety of raw material found in the fauna and flora of each region. Among this variety are the seeds of various species that when passing in the hands of artisans, become singular pieces of beauty, known like 'biojewels'. The North region is a major producer of this type of handicraft because the seeds used are extracted from the Amazon Forest. However, Maranhão, that is not geographically located in this region, has part of its territory formed by this vegetation, which provides several types of seeds, especially the juçara that is known in other Brazilian states as açaí, much used in this type of handicraft.

It is quite common to see in the tourist points of São Luís, the crafts with seeds of juçara, already benefited (polished, pierced and dyed). The beneficiation carried out on the seeds is not made in Maranhão, they come from other states in the Amazon region and are sold by suppliers to the artisans. The work on the State is restricted to confection of the 'biojewels' (CORREA, 2010). In the city of São Luís, capital of Maranhão, the Maracanã neighborhood has the largest juçaral (juçara plantation) of the Island and, on harvest period, tons of pulp of the fruit are extracted and sold to the party visitors, however, the seeds are discarded and could be used for other purposes, including handicrafts.

Facing this problem, the Nucleus of Innovation, Design and Anthropology (NIDA), of the Design course of the Federal University of Maranhão, sought through the extension project "CRAFTS ON MARACANÃ: utilization of the seed of juçara in the artisanal production", using seed of juçara in artisans production, having the design as mediator of the process.

The paper "Jewels of Maracanã: natural dyeing of seeds" is part of this project, which deals in particular of the natural dyeing done in the seeds of juçara.

As a research methodology, ethnographic design was used (NORONHA, 2012). For the theoretical basis, consider about the seeds of juçara and Maracanã, natural dyeing, the craft project in Maracanã and the execution of the dyeing stage, resulting in seeds differentiated from those found in the local market, demonstrated through pieces made by the own artisans.

Keywords: Design; Craft, Seed of Juçara; Natural dyeing

Referências bibliográficas

- BENATTI, L. P. **Aspectos sustentáveis na cadeia de valor da Biojoia: design aplicado a produtos artesanais.** In: Anais do 4º Simpósio Paranaense de Design Sustentável. Curitiba: UFPR, 2012.
- BLAINY, Geoffrey. **Uma Breve História do Mundo.** Ed. Fundamento. São Paulo: 2004
- CERRATINGA. **Murici.** Disponível em: <http://www.cerratinga.org.br/murici/>. Acesso em: 21. maio. 2017.
- CORREA, Gisele Reis. **Design e artesanato: um estudo de caso sobre a semente de juçara em São Luís do Maranhão.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Curso de Pós-graduação em Design. Recife, 2010.
- COSTA, Andréa Fernanda de Santana. CRUZ, Aniery Moraes de Lima. **Tingimento natural uma alternativa sustentável para a área têxtil.** In: anais VIII Colóquio de Moda – 5ºCongresso Internacional. Pernambuco: 2015.
- CORANTEC. **Corantes Naturais: Tipos e aplicações.** CORANTEC – Corantes Naturais LTDA. São Paulo: 2016.
- EMBRAPA Amazônia Oriental (Laboratório de Sementes Florestais) Noemi Vianna Martins Leão, Pesquisadora. **Bijuterias, adornos e artesanatos, uso de sementes de espécies florestais como gemas orgânicas.** Acervo Embrapa. Belém:2013.
- FERREIRA, Eber Lopes; GOMES, Selma (org). **Tingimento Vegetal: teoria e prática sobre tingimento com corantes naturais.** São Paulo: 2005.
- GRUPO ARTE RAIZ. **Técnica: tinta natural.** Grupo de pesquisa em Artes Plásticas, da Escola Municipal de Música, Artes Plásticas e Cênicas “Maestro Fêgo Camargo” de Taubaté - Vale do Paraíba - SP. 2003. Disponível em: http://arteraiz.vilabol.uol.com.br/tecnica_tintanatural1.htm. Acesso em: 20.Maio.2017
- MALCOM, Rosie. HARDINGHAN, Martin. **Corante caseiro das plantas.** TILZ - Espaço Internacional de Aprendizagem da Tearfund. 2016. Disponível em: http://tilz.tearfund.org/pt-pt/resources/publications/footsteps/footsteps_21-30/footsteps_21/homemade_plant_dyes/. Acesso em: 20.maio.2017
- NORONHA, Raquel. **Do centro ao meio: um novo lugar para o designer.** In: Anais do 10º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design - P&D. São Luís: 2012.
- OLIVEIRA, Laura Rosa Costa. **Uso, manejo, conservação e importância socioeconómica da juçara (Euterpe Oleracea mart.; Palmae) na Ilha de São Luís, Maranhão.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Maranhão, Curso de Pós-graduação em Agroecologia. São Luís: 2003.
- PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: história, tramas, tipos e usos.** Ed. Senac. São Paulo: 2007
- PORTAL DO SÃO FRANCISCO. **Aroeira.** Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/biologia>. Acesso em: 20.05.2017
- WIKIAVES.** Gaturamo-verdadeiro. Disponível em: <http://www.wikiaves.com.br/gaturamo-verdadeiro> Acesso em: 01.jun.2017